

Ser de uma infância é ser de um país

As tensões de uma migrante

Priscila de Oliveira Coutinho¹

On est de son enfance comme on est d'un pays.
Antoine de Saint Exupéry

A primeira entrevista com a personagem central desse texto aconteceu em julho de 2011, no luxuoso escritório da Heineken, onde ela trabalhava, em São Paulo. Ela era, à época, diretora regional da cervejaria no Brasil², um cargo de grande destaque. Antes de ocupá-lo, já havia construído uma carreira de 30 anos na Coca-Cola. Uma secretária me levou até a sala onde eu seria recebida. Ao entrar, me esperava uma mulher de cabelos lisos e curtos, na altura do queixo, magra e de baixa

¹Doutoranda em Sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ).

²A Heineken é operada no Brasil pela empresa FEMSA, onde Juscelina trabalhava em São Paulo. São proprietárias da FEMSA tanto a Coca-Cola Company quanto o grupo Heineken. Por isso, apesar de nessa época trabalhar para Heineken, a entrevistada estava ligada também à Coca-Cola Company.

Cadernos do Sociofilo

estatura (mais ou menos 1,55m de altura). Estava elegantemente vestida com um trenchcoat³ de crepe verde militar, calça jeans, sapatos italianos⁴ e óculos de grau da marca francesa Chanel. Dois celulares, que tocavam insistentemente durante a entrevista, estavam apoiados na mesa de reunião onde nos sentamos. Apresentei-me, relatei o motivo de ter me interessado por sua trajetória, a qual havia sido brevemente narrada pela pessoa que nos colocou em contato (uma amiga em comum) e pedi a ela que me contasse sua história de vida, que já foi divulgada em outros momentos. A entrevistada foi tema de matérias jornalísticas sobre “empresárias de sucesso”, e sua trajetória é conhecida no ambiente do Sistema Coca-Cola, tendo sido noticiada numa revista de circulação interna, novamente na intenção de ilustrar uma “self-made woman”. A entrevistada, que, quatro meses após esse primeiro encontro, tornou-se biografada⁵, se chama Juscelina Gomes de Lima⁶. Por

³ Soube, posteriormente, que essa é uma de suas peças de vestuário preferidas. Ela possui mais de 50 modelos de diferentes cores, tecidos e estampas. A maioria de marcas europeias (Burberry, Prada, Escada, Lacoste, dentre as mais sofisticadas, e Zara, dentre as mais populares) ou da marca feminina do mercado de luxo brasileiro Lita Mortari.

⁴Eu soube que os sapatos eram italianos em setembro de 2011, após vê-los dispostos na parte reservada aos calçados italianos em um dos três guarda roupas do apartamento que ela possuía, localizado na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Como explico nesse texto, este imóvel foi colocado à venda em meados de 2012.

⁵A pesquisa de tese na qual se baseia este artigo é elaborada tendo como perspectiva todo um ciclo de vida que começa com a infância e termina com a aposentadoria/retorno. A introdução da temporalidade como dimensão privilegiada da análise é o que diferenciaria a biografia de um estudo de caso, por exemplo. Para uma análise dos estudos com enfoque biográfico, ver Dosse (2009), Bertaux (1999), Becker (1986), Heinich (2010) e Kaufman (2004).

motivos cuja explicitação terá o devido espaço na minha tese de doutorado, ela não quis o anonimato, e eu concordei com a sua escolha⁷. Passo agora a relatar brevemente o seu percurso.

⁶Como disse, minha primeira entrevista com Juscelina aconteceu em julho de 2011, em São Paulo. Em setembro do mesmo ano, ela me disse que se mudaria para o Rio de Janeiro por razões profissionais. Após ter se instalado na cidade, marquei uma conversa e expliquei a ela minha intenção de realizar uma pesquisa biográfica. Obtive sua concordância e a partir daí passamos a ter encontros mais frequentes. Além disso, fizemos, juntas, uma visita à Paraíba, estado onde foi criada, em fevereiro de 2012. Juscelina me acompanhou durante seis dias. Eu permaneci na Paraíba, sozinha, até meados de março de 2012. Falarei sobre alguns dos eventos dessa viagem adiante.

⁷Atribuo a decisão de Juscelina pelo não anonimato a alguns fatores centrais. Em primeiro lugar, apareci na vida dela quando estava disposta a avaliar, julgar e compreender a sua trajetória. Alia-se à propensão ao exercício de auto-análise o fato de ela ter entendido a proposta de que fosse a personagem da minha tese como uma espécie de sinal divino. Isso porque alguns meses antes de nos conhecermos, um amigo de Juscelina sugeriu a ela que escrevesse um livro narrando sua história, e esse conselho lhe foi bastante significativo. Além disso, ela encarou a pesquisa como uma das vias que a vida lhe ofereceu para *resgatar seu passado*. O significado a ela atribuído ao resgate, com base na doutrina espírita kardecista, expressa algo como uma dívida cármica a ser paga. Há, portanto, um sentido religioso no registro e interpretação de suas memórias. Eu perguntei à Juscelina diversas vezes se ele tinha certeza que preferiria não ter a reserva do anonimato, e ele sempre me respondeu que *não tinha nada para esconder e que a vida é um aprendizado. Eu já acertei e já erre muito, mas estou aprendendo. Isso é o que importa*. A tese é, para ela, uma espécie de registro de sua “autoridade experiencial” (Clifford, 1998). Ademais, durante muitos anos ela foi reconhecida como a “moça da Coca-Cola” ou a “Juscelina da Coca-Cola”, de modo que ela tem uma aguda consciência do significado da assunção de seu nome, Juscelina Gomes de Lima, para o reconhecimento e auto-reconhecimento de sua identidade. Seu nome é a expressão mais concreta do desejo de ser reconhecida com a consideração de um traço social e afetivo irreduzível, qual seja, seu lugar em uma linhagem familiar. Quanto a mim, todas essas razões já me pareciam suficientes fortes para aceitar a decisão de Juscelina. Porém, tenho outras. Os motivos que levaram os pais de Juscelina a escolherem o nome da filha caçula são alguns dos elementos centrais da interpretação que estou tecendo. Ou seja, se o anonimato, a princípio, traria uma maior liberdade para o pesquisador

Cadernos do Sociofilo

Juscelina é a décima nona de uma família de 21 filhos. Nasceu no Pará em 1957, cinco anos depois de seus pais, Gabriel e Satina, partirem da cidade de Pedro Velho (RN), divisa com a Paraíba, para Belém (PA). Seu pai e sua mãe, grávida, escapavam, com os seis filhos nascidos, da seca de 1952. Em 1959 o casal decide voltar para Paraíba porque a mãe de Satina, Dona Maria Amélia, estava muito idosa, havia perdido seu companheiro e precisava de cuidados. Satina era filha única e não se conformava em deixar sua mãe sozinha. A família se instalou na região de Caiçara, no agreste paraibano, onde vivia não só Dona Maria Amélia, mas também grande parte da família de Gabriel.

Criada nessa região, em um pequeno sítio, Juscelina foi alfabetizada por uma irmã mais velha e cursou o primeiro ciclo do ensino secundário como bolsista no único ginásio, particular, da cidade. A concessão da bolsa, oferecida pelo sindicato dos agricultores de Caiçara, exigia como contrapartida a apresentação de boas notas e uma espécie de estágio na secretaria do sindicato. Assim, aos doze anos de idade, já trabalhava fora do ambiente doméstico durante o dia e estudava à noite.

Aos quatorze anos, ela pede a Gabriel, seu pai, que a deixe partir para João Pessoa. Juscelina sempre se sentiu a filha predileta dele⁸. Segundo ela, o amor e a grande confiança que ele

na produção de argumentos (ideia comumente aceita e com a qual não concordo totalmente), o não anonimato, no meu caso, limitaria seriamente a construção de vários de meus argumentos principais. Juscelina leu o primeiro texto que escrevi sobre sua trajetória (Coutinho, 2013) e alguns trechos da tese em construção. Ela nunca pediu para fazer qualquer tipo de modificação em meus escritos.

⁸Na tese de doutorado a ser defendida no final de 2014, descrevo detalhadamente o contexto familiar do nascimento de Juscelina. Na época, a família vivia um momento de prosperidade, e seu pai depositou muita esperança

depositava na filha caçula foram as maiores motivações da permissão para que partisse, sozinha, em direção ao litoral. Com a autorização do pai, ela se muda para João Pessoa. Na capital do estado, se emprega como datilógrafa em um jornal de esquerda - "O Momento" - enquanto finaliza seus estudos no período noturno. Aos 18 anos é aprovada num concurso para o Serviço Federal de Processamento de Dados da Paraíba (SERPRO), porém, ainda insatisfeita com a vida no Nordeste, e incentivada por uma colega de trabalho a ir tentar a vida no Rio de Janeiro, ela se muda para a cidade em dezembro de 1976. Na capital carioca, se hospeda por um mês na casa de um de seus irmãos, que trabalhava como cozinheiro num bar da Rua Mem de Sá, no bairro da Lapa. Ele morava com sua esposa e três filhos na Vila Kennedy, no bairro de Bangu.

Depois de um mês à procura de trabalho, consegue, por meio de uma agência de empregos, uma ocupação temporária como datilógrafa na Texaco. Findos os quarenta dias de seu contrato na empresa, é admitida, para o mesmo cargo, na Coca-Cola, onde trabalhou por 35 anos. Juscelina não se casou e não teve filhos. Com exceção de um curto período de um ano e meio em que morou em Fortaleza, viveu esses 35 anos no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas sempre fez visitas (primeira-

no nascimento da filha, a única cujo nome não tem um sentido religioso. Várias pistas me levaram a essa via interpretativa. Uma delas é aquela da escolha do nome de Juscelina. Trata-se de uma homenagem a Juscelino Kubitschek, adorado por Gabriel, seu pai, e eleito presidente no ano anterior ao do nascimento de Juscelina. Considerando que uma vida não é feita de projetos pensados como um conjunto de etapas sucessivas cujo final já se sabe de antemão, não seria correto dizer que ela incorporou algo como um projeto paterno de ascensão social. Porém, como procuro demonstrar em minha tese, as declarações de que a filha era especial, os encorajamentos cotidianos e o contexto específico da história familiar oferecem razões sociológicas para compreendermos que Juscelina se sentia capaz de romper com determinados padrões ligados ao destino de gênero e de classe que lhe eram socialmente atribuídos.

mente anuais, e em algumas fases mais espaçadas) à família, na Paraíba. Daniel, na casa de quem Juscelina se hospedou ao chegar no Rio de Janeiro, é o único dos irmãos que não mora na região de Caiçara. Alguns realizaram movimentos migratórios temporários, predominantemente para o Rio de Janeiro, Salvador e João Pessoa. Nas capitais, trabalharam como pedreiros, mecânicos, porteiros e vendedores ambulantes.

A trajetória de Juscelina me interessou especialmente por reunir dois caminhos sociais, o da migração e o da ascensão significativa de classe. Como afirma Jean-Claude Kauffman (2004), os migrantes e os trânsfugas de classe fornecem o modelo ideal das estruturas psicológicas nas quais, ao longo da duração biográfica, alternativas identitárias se entrecruzam, formando diversas e renovadas bricolagens. Esses dois modelos de movimentos, segundo o autor, revelam com mais clareza modalidades de ajustamento identitário que atingem o conjunto da população.

Quando a conheci, me surpreendi com o fato de que ela se encaixava perfeitamente no perfil que buscava. Procurava, à época, casos de mulheres de origem camponesa (filhas de pequenos agricultores) que migraram de regiões rurais para regiões metropolitanas e ascenderam, por meio de qualificação educacional e profissional, até os estratos mais altos das classes médias urbanas. Meu interesse era, e ainda é, o de compreender as articulações entre macro e micro contextos, disposições, afetos e emoções por meio de trajetórias individuais. Deslocamentos significativos no espaço sóciogeográfico (migração e mobilidade social ascendente) me pareciam processos privilegiados para tanto.

Além do estranhamento intrínseco à condição de migrante de origem rural que se depara com o ritmo, o tempo, os espaços e os diferentes registros morais das metrópoles, pretendia

compreender as tensões intra e interindividuais do “*trânsfuga de classe*”⁹. A noção, bourdieusiana, é construída sob as bases do conceito de *habitus*, ferramenta analítica mobilizada para apreender a gênese dos processos pelos quais os indivíduos interiorizam as estruturas do mundo social e as transformam em esquemas de classificação que guiam seus comportamentos, condutas, escolhas e gostos. Trata-se de dispositivo metodológico que permite, portanto, categorizar sociologicamente indivíduos que, devido ao fato de terem realizado uma determinada trajetória individual, caracterizada pelo deslocamento significativo no espaço social, teriam em comum uma forma específica de organização de suas disposições ou esquemas de classificação, denominada por Pierre Bourdieu de “*habitus clivado*” (Bourdieu, 2007). O conceito denota um conjunto de disposições arranjadas de modo contraditório e binário. Essas contradições se expressam nas mais diferentes ordens e geram angústias que em grande parte se reconduzem ao sentimento de traição (associado a muitos outros como o de culpa, ressentimento, etc.) da classe de origem e a uma constante sensação de inadequação com relação à classe de destino.

Entretanto, ao longo da pesquisa, quando procurava operacionalizar esse conceito por meio de uma “*approche méthodologique*” específica, a da sociologia à escala individual de Bernard Lahire; ou seja, colocando em teste e ao mesmo tempo operacionalizando a ideia de “*habitus clivado*” através da investigação da vida de um só indivíduo (dimensão vertical da sociologia à escala individual) na duração de todo um grande ciclo de vida (dimensão horizontal da sociologia à escala individual), compreendi que a subjetividade do *trânsfuga de classe* poderia ser caracterizada de outra forma. Pareceu-me mais preciso utilizar

⁹ As expressões em itálico são falas de Juscelina e outros entrevistados. As expressões em itálico com aspas são conceitos.

a noção de “problemática existencial”, proposta por Bernard Lahire (2010) na biografia sociológica de Franz Kafka.

Apesar de a noção de clivagem ser teoricamente clara e analiticamente útil, quando confrontada com os resultados da pesquisa empírica, ela me pareceu denotar uma forma excessivamente binária de ver o trânsito. Debruçando-me profundamente sobre os caminhos de Juscelina, pude notar que a combinação e recombinação, operadas ao longo da trajetória, entre as disposições e valores da socialização primária e os aprendizados que se seguem a essa fase da vida, formam mais uma trama do que uma divisão. A clivagem denota oposição, divisão, separação, ruptura; a trama denota integridade, conexão orgânica, ou seja, relação entre elementos que guardam dependência um do outro. Aqui, a ênfase não é sobre as oposições estruturais dos espaços em que Juscelina se movimentou (tradicional em oposição à moderno; campo em oposição à cidade; provinciano em oposição à cosmopolita etc.), mas sobre a forma como ela apreende e recria os estímulos e informações conforme se movimenta nesses espaços.

Esse nó central, na medida em que vai sendo desfeito analiticamente ao longo da pesquisa, abre um enorme repertório de assuntos que estão nele tecidos. Ele pode ser resumido na problemática em torno da negação da origem e da vontade de retornar a ela; ele é, ao mesmo tempo, a lente (é na complexidade desse nó que se pode compreender os julgamentos morais, estéticos, éticos, políticos, religiosos de Juscelina) e o motor (*eu não podia voltar, mas, ao mesmo tempo, no fundo, eu sempre quis estar perto deles*) de muitas das ações da biografada.

Nesse texto, procuro descrever a problemática existencial de Juscelina. Em função do espaço a ser respeitado num artigo, demonstro brevemente essa tensão explicitando a configuração da relação da biografada com a família no período em que suas

visitas a Caiçara foram se tornando cada vez mais raras (mais ou menos dos 23 aos 53 anos), e me debruço sobre uma situação específica, a conversa entre Juscelina e alguns de seus parentes sobre uma controvérsia familiar. Acompanhei essa conversa quando estive em Caiçara com a biografada, em fevereiro de 2012, durante uma das fases da pesquisa etnográfica na Paraíba¹⁰. Além disso, forneço uma interpretação para a reorientação biográfica, ou “bifurcação” (Denave, 2010), que marcou os últimos dois anos de sua vida, justamente quando eu realizava a pesquisa empírica.

“PROBLEMÁTICA EXISTENCIAL” DE JUSCELINA: A TENSÃO COM O PASSADO.

Sertão é isso: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera, digo.

João Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas

Em suas primeiras narrativas, o tempo vivido no nordeste aparecia nos discursos de Juscelina predominantemente como uma força negativa à qual ela teve que reagir. Era afirmado enquanto energia positiva, criadora, em raros momentos, como quando ela justificava a sua natureza inconformada e dissonante. Assim, muitas vezes, ela descreveu eventos da infância que provariam essa propensão inata à não-conformidade, como quando ela ateou fogo na mata próxima à sua casa, no sítio Cancão, para que pudesse enxergar o horizonte que o matagal

¹⁰ A segunda fase foi entre setembro e outubro de 2012.

Cadernos do Sociofilo

escondia. Ela via a si mesma quando menina como uma criança calada, triste, deslocada e sempre pesarosa pelos sofrimentos de sua mãe, Satina, que teve 25 gravidezes, quatro abortos espontâneos e 10 filhos mortos ainda pequenos. Juscelina rejeitava fortemente o destino que a comunidade lhe reservava, cuja representação máxima era a vida da sua mãe. Desde menina dizia que não queria se casar nem ter filhos.

Eu fui educada assim, como minhas irmãs, pra casar e ter filhos, mas eu nunca quis. Eu não gostava muito de brincar, eu queria estar sempre aprendendo, então desde novinha eu sabia que não iria casa nem ter filhos e que eu iria ter uma carreira profissional (...) Minhas irmãs todas se casaram. Só eu que não casei, então eu sempre, como uma inconformada, tinha outro tipo de preocupação. Eu gostava de ficar ali ouvindo o que os mais velhos falavam. (Entrevista julho em maio de 2011).

O valor atribuído a essa fase de sua história (infância, adolescência e o início da vida no Rio de Janeiro) também era predominantemente negativo. A inaptidão inicial para lidar com o espaço, a moralidade e a linguagem da capital carioca, além dos deboches de seu sotaque, de seus modos, de seu corpo nordestino: todos esses fatores fizeram com que Juscelina, durante muitos anos, tivesse dificuldades para falar de sua origem e atribuir a ela um valor positivo. Ao longo dos trinta e cinco anos vividos no Sudeste, Juscelina fez muitas amizades e construiu *uma nova vida nova*, com novas referências afetivas, éticas. Porém, a situação de *estrangeira*¹¹ continuava pungente. Isso

¹¹Uso aqui o conceito de estrangeiro exposto por Alfred Schütz: “Nós entendemos aqui por ‘estrangeiro’ um adulto de nossa época e de nossa civilização, o qual busca se tornar bem aceito, ou senão pelo menos ser tolerado pelo novo grupo.” (SCHÜTZ, 2010, p.7).

porque, com muitos dos amores (amigos e namorados, notadamente) conhecidos nos contextos que passou a frequentar após a migração, ela não compartilhava uma etapa fundamental de sua existência. Como afirma Schütz (2003, p. 20, tradução nossa):

Túmulos e lembranças não são coisas que podemos transferir ou adquirir. O estrangeiro, por conseguinte, aborda o outro grupo como um recém-chegado no sentido verdadeiro do termo. No melhor dos casos, ele desejará e poderá estar inteiramente disposto a partilhar com este novo grupo o presente e o futuro no seio de uma experiência vivida e imediata. No entanto, no que concerne a experiências passadas, esta possibilidade se encontra totalmente excluída. Assim, do ponto de vista do novo grupo, o estrangeiro é sempre um homem sem história.

Se o passado, enquanto força e valor, era eminentemente negativo, as emoções a ele associadas também o eram: culpa, traição, ressentimento e revanche conviviam com saudade e piedade - notadamente pela condição de sua mãe. Esse conflito com o passado me pareceu o elemento mais estável da “*problemática existencial*” de Juscelina (Lahire, 2010). Trata-se de condição afetiva matricial que toma diferentes formas em função das etapas do ciclo de vida ou de eventos biográficos específicos. Dessa forma, a culpa ou o sentimento de traição habitou cada momento de alegria, prazer, desespero, medo, dúvida, etc.

Durante as viagens aos lugares que sonhou conhecer, ela se ressentia do fato de seus parentes não compartilharem com ela aquele momento. Como me relata: *Eu tinha sempre um pensamento quando eu via uma paisagem bonita, uma obra de arte. Eu pensava que todo mundo deveria ter a possibilidade de ver aquilo; e aí eu lembrava muito deles (da família).*

Cadernos do Sociofilo

Quando Juscelina saía para as *rodadas de compras*¹² que integravam suas rotinas semanais, (principalmente nos últimos quinze anos de sua vida profissional, período em que recebia altos salários), experimentava emoções ligadas ao entusiasmo no ato da compra e à culpa da acumulação. Ela justificava sua avidez pelo consumo com a ideia de que o trabalho lhe deu esse merecimento, mas se culpava por acumular *futilidades* enquanto alguns membros de sua família e muitos de seus conterrâneos nordestinos passavam por dificuldades ligadas a necessidades básicas da vida. Essa mesma culpa, somada a uma sensação de injustiça, era sentida quando vivia uma experiência prazerosa e pensava que sua família estava privada disso, seja por faltar a ela meios materiais, seja por faltarem os modos que habilitam o sujeito a determinados tipos de fruição:

Eu tive duas grandes culpas na minha vida. Uma eu sentia quando eu tinha acesso, podia comprar. Quando eu chegava em casa com aquelas sacolas todas, ligava a tevê e sempre tinha umas coisas tristes do Nordeste. Agora, graças a Deus melhorou, mas antes era só desgraça, né? Aí eu tinha uma culpa danada porque como é que tinha pessoas sofrendo tanto e eu podia gastar não sei quantos mil reais numa rodada de compras? Me dava muita culpa. A outra culpa [que] eu carreguei foi mais profunda ainda. A culpa era que eu queria que a minha família fosse igual a mim. Eu queria que agissem como eu... O meu maior sonho era poder levar minha mãe pra tomar um chá no fim da tarde... porque eu sou louca por chá. Essa é a maior frustração porque ela nunca ia tomar um chá. Ia

¹²Juscelina costumava gastar somas consideráveis com peças de vestuário e decoração de luxo. O orgulho e o prazer de possuir objetos que ela considera belos e de boa qualidade, entretanto, alia-se a um grande desprendimento com relação a eles. Ela faz frequentes e volumosas doações de roupas, sapatos e variados objetos à família e amigos. Uma de suas amigas me contou: *Não posso elogiar nada da Ju, porque quando a gente elogia e ela diz: gostou, então toma, fica pra você.*

tomar um café, comer lá aquele bolo e olhe lá, mas um chá completo, onde você conversa, troca ideia, isso ela nunca faria. Eu carreguei muito um sentimento de, assim: mas por que eu não consegui ter uma família assim? Isso foi muito complicado na minha vida, mas aí, com o amadurecimento, você vai aquietando a cabeça, deixa de ser tão crítica, vai tendo uma observação maior sobre o que te cerca. Aí eu percebi que eu tava querendo demais, que não eram eles que tinham que chegar até a mim, que eu que tinha que chegar até eles. (Entrevista concedida em maio de 2012).

Algumas vezes o sentimento de culpa se associava ao de revanche. Em alguns trãsfigas, o revanchismo toma a forma de desejo de vingar a classe de origem, como foram os casos de Pierre Bourdieu (2005) e Annie Ernaux (1991): “J’écrirai pour venger ma race”. Juscelina muitas vezes se sentiu abandonada e injustiçada por sua família, e por isso o desejo ambíguo de represália era dirigido não somente à classe que lhe negava reconhecimento, mas também à família, à comunidade de origem. Duas situações exemplificam cada um das direções dessa vontade de revanche.

Juscelina conta que decidiu estudar inglês quando ocupava o cargo de secretária na Coca-Cola. Ela tinha entre 20 e 22 anos. Subindo no elevador para iniciar a jornada de trabalho, duas secretárias, brasileiras, começaram a conversar em inglês ao encontrarem-na. Ela entendeu que elas queriam excluí-la da conversa: *Naquele dia eu decidi que ia estudar inglês e que nunca mais ia passar por isso.* Com relação ao desejo de revanche sobre a família, ele era gestado pelo sentimento de que seus parentes tinham mais apreço pelo que ela poderia proporcionar a eles, do ponto de vista material, do que pela pessoa que era, com todas as diferenças com relação a eles. Certa vez ela me afirmou: *Às vezes eu penso que queria ganhar na loteria, chegar com esse di-*

Cadernos do Sociofilo

*nheiro, jogar neles e depois pedir que me deixem em paz. Eu muitas vezes imaginei isso*¹³.

Nos dois casos, a revanche é só uma das faces de um sentimento mais complexo. No primeiro, ele se confunde com o desejo de reconhecimento pela classe que a considerava inferior. No segundo caso, a vontade de se vingar por se sentir esquecida e instrumentalizada pela família se mesclava à culpa por ter traído a sua origem. Algumas vezes tal sentimento de culpa tomava a forma de ressentimento, arrependimento (pelos objetos consumidos), aspiração de compensar a família pela desigualdade objetiva que os afasta (por meio de presentes e ajuda financeira), inconformismo (*Se eu consegui mudar de vida, por que eles não conseguiram?*), raiva da dor que ela carregou por toda a vida (*De Caiara só quero distância*).

Como é comum entre os que partiram e se distanciaram da família, subjazia à revanche direcionada à comunidade de origem a dúvida sobre se ainda se era amado. O olhar amoroso, ressentido e melancólico do filho que partiu é exemplarmente descrito na carta que Azel, personagem principal de “Partir”, do escritor marroquino de expressão francesa Tahar Ben Jelloun, (2006, p.77), escreve para seu país após emigrar do Marrocos para Espanha:

Cher pays,

Me voici loin de toi et déjà quelque chose de toi me manque ; dans ma solitude, je pense à toi, à ceux que j’ai laissé là-bas, à ma mère, surtout. Que fait-elle à l’heure où je t’écris ? Elle doit préparer le dîner, sûrement. Et Kenza? Elle ne vas pas tarder, à moins que ce ne soit le soir de sa garde. Les copains, eux, je le voir très bien, ils

¹³Juscelina ajuda financeiramente sua família há muitos anos. Paga despesas escolares de vários sobrinhos, presenteia a todos com muitas roupas e sapatos, cobre despesas hospitalares com regularidade, envia mensalmente uma quantia em dinheiro para alguns de seus irmãos.

sont au café. Rachid est de retour, il ne dit rien, les autres jouent aux cartes, pensent que j'ai eu beaucoup de chance, ils m'envient. Je les entends, ils parlent de moi avec aigreur. C'est fou, j'ai envie d'être avec eux, juste pour une heure, et puis revenir ici. Et puis non, je n'ai pas envie de partir, même pour une heure. Je veux arreter de penser à toi, a ton air, a ta lumière. Tu sais, du Maroc, on voit l'Espagne, mas la réciproque n'est pas vrai. Les espagnols ne nous voient pas, ils s'enfoutent, ils n'on que faire de notre pays. Je suis dans ma petite chambre, ici ça sent la renfermé, il n'y a que'une fenêtre et je n'ose pas l'ouvrir ; j'ai avoue que je suis déçu, je suis seulement impatient, vidé, fatigué, le changement de clima et puis la peur, la peur de ce qui est nouveau, la peur de ne pas être à l'hauteur...je vais essayer de m'endormir en pensant a toi, mon cher pays, ma chère et si genereuse inquiétude.

Como Azel, Juscelina viveu com intensidade essa situação de se sentir estrangeira nos contextos frequentados nas metrópoles e forasteira na casa materna. O comportamento durante suas visitas à Caiçara refletia esse sentimento. Ela se mantinha distante e calada, apesar dos esforços da família em recebê-la. Preparar o quarto para Juscelina ficar sozinha integrava o ritual de espera da filha que partiu. Fazia parte desse ritual também a preparação de beiju, a busca dos cocos com água fresca, a exibição dos sobrinhos bem arrumados, a organização e limpeza das casas, o arranjo das rotinas para a recepção e acompanhamento de Juscelina nos dias da visita. Ao chegar, ela olhava e cumprimentava todos rapidamente, depois dizia que precisava estudar e se trancava no quarto. Na verdade ela queria ficar sozinha, se isolar de todo aquele ambiente que a constrangia. Ela não conseguia, em Caiçara, realizar a performance que por vezes ela desempenhava na empresa.

Representar um papel era muito mais difícil perto da família porque lá ela não tinha o refúgio do trabalho. Ela não tinha a defesa dos relatórios, dos arquivos, das visitas aos clien-

tes. Em Caiçara não havia nenhuma justificativa para aquele sentimento de não pertencimento, afinal de contas, ela era de lá. Como alguém pode se sentir tão deslocada na casa materna? A sensação pungente de abandono e solidão da infância era revivida a cada visita. Nem mesmo os carinhos do pai a retiravam desse estado de constrangimento; ao contrário, os reforçavam. Ela conta que seu pai queria exibi-la “*como um frango assado numa bandeja*”, andando com ela de braços dados pela cidade. Ela se negava a fazê-lo por timidez e por considerar ridículo esse tipo de exibição da *moça da Coca-Cola*.

Se por um lado ela sofria por sentir que não pertencia à família como os outros, era no abrigo desse nome, a *moça da Coca-Cola*, que Juscelina se escondia de sua família e encontrava a justificativa de ser estrangeira na casa materna. Mesmo em Caiçara, Juscelina não era Gomes de Lima, era a *moça da Coca-Cola*, e só depois era a filha de seu Gabriel e dona Satina. Esse era o elemento mais proeminente de sua identidade: até mesmo seu sobrenome fora metaforicamente substituído.

Ao contrário dos outros migrantes, que voltam para a terra natal *contando vantagem*, falando sobre as maravilhas do sul, mostrando os bolsos cheios de dinheiro e descrevendo a complexidade do trabalho realizado nas capitais - muito diferente da simplicidade do *roçado* - Juscelina se calava sobre a sua vida, negando-se a ritualizar o que Sayad (1999) denomina de o desconhecimento coletivo da verdade objetiva da imigração. Dessa negação derivava esse sentimento de perplexidade de boa parte da família com relação ao seu comportamento. A maioria de seus irmãos e sobrinhos sabe muito pouco sobre os caminhos de Juscelina, apesar de ela ser uma figura central na família por vários motivos: era a filha predileta do pai, foi a única a conquistar prestígio e sucesso financeiro, costuma resolver problemas de várias ordens, como conseguir vagas em hospitais

quando algum familiar está doente. Além de tudo, a sua história é marcada por mistérios (Por que não se casou? Como é a sua casa? Quem são os seus amigos? O que ela gosta de fazer quando não está trabalhando?). Isso também faz com que ela ocupe um espaço de destaque na rede familiar, pois há recorrentes especulações sobre sua vida.

Mesmo falando pouco, quando visitava Caiçara, Juscelina levava para lá os efeitos emocionais e os aprendizados práticos das suas experiências no *sul*. Ela levava em seu comportamento e em seu corpo (roupas, linguagem, maneiras, gostos), assim como nas críticas pontuais ao modo de vida de seus familiares e à cultura da comunidade, as categorias de percepção e apreciação de um mundo que ela considerava superior. Os momentos das visitas de Juscelina, portanto, eram aqueles em que a “concepção relativamente natural do mundo” (Schütz, 1979), compartilhada pela maior parte de seus familiares, era atacada e questionada pela presença, atitudes e discursos da irmã caçula. As reações da família e da comunidade a essa perturbação à “maneira de pensar habitual” (Schütz, 1979) eram variadas. Alguns se afastavam, outros se calavam, outros ainda se revoltavam, mas não o demonstravam ostensivamente.

O recurso psicológico de recusa da cultura de origem foi, para Juscelina, uma força que a habilitou a viver nas capitais (*Eu sabia que não poderia voltar, eu não tinha saída*), mas levou-a a considerar o modo de vida que ela mesma compartilhou em seu passado como inferior, incorreto. Ela própria se considerava incivilizada quando, em um de nossos primeiros encontros, descreveu a si mesma aos 19 anos, quando chegou no Rio de Janeiro:

Mas o sotaque, na época [quando chegou no Rio de Janeiro] as pessoas debochavam. Agora, quando eu olho para trás...as pessoas

Cadernos do Sociofilo

também não tinham culpa porque era um bicho mesmo diferente. O nordestino, eles imaginam, a gente tem impressão que é só lá, parece outro dialeto e as pessoas acham engraçado mesmo (...) Os primeiros anos no Rio de Janeiro foram muito complicados e aí eu tinha que me superar em absolutamente tudo. Tava na Coca-cola, uma empresa multinacional. Nos primeiros anos que eu tava na Coca-cola eu era o oposto de tudo, eu era a aberração da natureza.

Se as vivências na metrópole capacitaram-na a sair da condição de *oposto de tudo*, ou, como diria Clarice Lispector (1979) sobre Macabéa, da condição de incompetente para a vida, também retiraram da casa ancestral a condição de asilo protetor e transformou-a em um labirinto no qual Juscelina perdeu, em grande medida, o senso de orientação. A linguagem, meio privilegiado de nossa interação, foi uma das vias pelas quais eu pude perceber esses desencontros. Explico-me.

Procurei, desde o início da pesquisa, prestar muita atenção à forma como Juscelina construía seus discursos: em que palavras eram colocadas as ênfases, quais adjetivos eram escolhidos para qualificar cada grupo de pessoas que integra sua vida, como ela mobilizava conceitos, em que momentos ela usava sua eloquência, quais recursos retóricos eram mobilizados para caracterizar as situações de sua vida. Foi um longo contato com ela que me permitiu perceber, por exemplo, que determinadas frases que me pareciam à primeira vista excessivamente violentas, só poderiam ser compreendidas se inseridas em um contexto que em muito ultrapassasse a situação de fala em que eram enunciadas.

Na primeira entrevista, em julho de 2011, ela afirmou: *Eu era uma aberração da natureza*. Essa frase “de efeito” só pôde ser apropriadamente entendida por mim depois de um longo con-

tato com Juscelina¹⁴. Com o tempo, pude perceber que afirmações impactantes fazem parte de sua maneira de se comunicar. Ela usa com frequência, por exemplo, a expressão *animal* para se referir a alguém: *Ela se veste como um animal*, por exemplo, para falar da forma de se vestir de uma pessoa de seu círculo afetivo do nordeste. Porém, a mesma palavra era também usada para se referir, por vezes, a um colega da Coca-Cola: *Ele era um animal*. A utilização do mesmo qualificativo para pessoas e situações completamente diferentes demonstra que mais do que a essência de um julgamento de valor sobre alguém, Juscelina buscava um efeito retórico de ênfase ao fazer afirmações como essas.

Esse hábito linguístico só pode ser compreendido tendo em vista o contexto da socialização profissional da biografada. Em entrevistas com funcionários atuais e ex-funcionários da Coca-Cola, compreendi que a cultura corporativa não oficial da empresa, notadamente no tempo em que Juscelina alcançava os primeiros postos de destaque em sua carreira, nas décadas de 80 e 90, favorecia, privilegiava e valorizava uma agressividade linguístico-performática assimilada às ideias de “garra”, “vontade”, “dedicação”. Os diversos mecanismos institucionais, relacionais e discursivos de transmissão dessas noções levaram a que Juscelina as internalizasse na forma de disposições competitivas e combativas, as quais se afinavam com a necessidade de rapidez e objetividade autoritária das decisões (ambas profissionalmente exigidas e eticamente defensáveis naquele contexto profissional). Além disso, uma postura mais agressiva lhe parecia eficiente como defesa contra os deboches ou ataques direcionados à sua condição de gênero e à sua origem nordestina.

¹⁴ A pesquisa empírica durou, no total, 15 meses: de julho de 2011 a outubro de 2012.

Cadernos do Sociofilo

Essa última questão, ligada à necessidade de se proteger, é bastante presente na vida de Juscelina desde que ela saiu de sua casa, sozinha, para tentar a vida em João Pessoa. Uma moça sozinha precisa ter como se defender, diziam a ela (até a idade de 25 anos mais ou menos, Juscelina dormia com uma *peixeira* ao seu lado). À época, essa recomendação tinha em vista muito mais a defesa do corpo do que da alma, mas o sentimento de estar sozinha e eminentemente em perigo (físico ou psicológico) ainda é uma das causas de sua ansiedade.

Se a linguagem foi a via de compreensão de algumas das características mais cristalizadas da biografada, sua disposição combativa, ela também foi fundamental para que eu entendesse algumas das dificuldades de comunicação com muitos de seus irmãos. Procurarei demonstrar essa afirmação relatando uma conversa, consistente na tentativa de esclarecimento de uma controvérsia familiar, que presenciei em minha primeira visita a Caiçara.

A ANÁLISE DE UMA CONTROVÉRSIA FAMILIAR

Em novembro de 2011, perguntei à Juscelina se aceitaria ser personagem de uma pesquisa biográfica. Disse que para isso precisaria conhecer Caiçara e seus familiares, além de detalhes mais íntimos de sua vida. Ela consentiu e disse que iria a Caiçara comigo para me apresentar às pessoas de lá. Desde que firmamos esse acordo, Juscelina começou a se preparar prática e psicologicamente para esse momento. Organizou sua agenda na Coca-Cola e avisou aos seus irmãos e sobrinhos que estaríamos em Caiçara no carnaval de 2012. Juscelina me acompanhou na cidade durante três dias e eu permaneci até meados de março de 2012. Essa viagem foi determinante para as interpretações que elaboro na tese em

construção, mas não poderei me alongar na exposição dos argumentos derivados de minhas análises dos momentos que vivi e presenciei em Caiçara. Gostaria, entretanto, de apresentar algumas reflexões sobre as diferenças na forma de comunicação entre Juscelina e muitos de seus irmãos.

Nos nossos dias na cidade, pude notar que muitos dos familiares de Juscelina, notadamente seus irmãos, que têm entre 55 e 75 anos, se comunicam com especial eloquência e teatralidade no registro oral. Trata-se de uma especificidade que pode ser reconduzida à complexidade vocabular e estilística da linguagem oral sertaneja anterior ao processo de massificação da educação formal. Não tendo passado pelo intenso processo de industrialização e urbanização do centro-sul, o interior do Nordeste pôde preservar, com poucas interferências até as primeiras décadas do século XX, época da juventude de Gabriel e Satina, traços linguísticos muito específicos, cuja gênese não cabe nesse trabalho esmiuçar. Se um estudo filogenético das especificidades linguísticas paraibanas não é nosso objetivo aqui, a identificação dos elementos culturais recepcionados por Gabriel, Satina e sua família me interessa diretamente.

A reconstrução dos hábitos e personalidade de Gabriel por meio de entrevistas com seus filhos, netos, irmã, cunhada e diversos habitantes de Caiçara que o conheceram, a identificação do tipo de consumo cultural por ele realizado e os traços linguísticos de seus filhos mais velhos, que com ele tiveram uma convivência mais intensa e prolongada, indicaram que a compreensão da linguagem de Gabriel, que influenciou decisivamente sua família, deve ser feita com consideração à cultura sertaneja, com sua música e poesia ouvidas, lidas, recitadas e cantadas por ele durante toda a sua vida. Esse exercício imaginativo e analítico que reconstrói os elementos linguísticos que constituíam aquele ambiente familiar integram o esforço de

Cadernos do Sociofilo

compreensão da formação cultural, moral, e afetiva de Juscelina, e serve para elucidar algumas tensões entre ela e sua família.

Juscelina, apesar de ter convivido diariamente com o pai até quatorze anos, frequentou e se dedicou à escola mais que seus outros irmãos. Além disso, tendo deixado Caiçara muito cedo, e se integrado rapidamente ao mercado de trabalho formal, que exigia um nível educacional cada vez mais elevado, aprendeu a se comunicar no registro escolar da linguagem. Como afirma Bernard Lahire (1990), o domínio escolar da língua demanda que se passe de uma linguagem ancorada no contexto específico (com uso do gesto, da entonação, da mímica, dos deslocamentos de voz e corpo, da entonação, do ritmo) em que se pressupõe um saber compartilhado pelos interlocutores reais de uma situação particular, a construções independentes do contexto. Estas exigem um controle mais formal, consciente e intencional da linguagem verbal; ou seja, demanda que se trate a linguagem como linguagem mesma (“to deal with language as a thing in itself”).

Quando ia para Caiçara, porém, Juscelina precisava lidar com palavras de um vocabulário regional - que era para ele objetivamente distante e que ela queria manter distante -, com o português frequentemente em desacordo com as regras formais da língua portuguesa¹⁵ e com uma forma de relatar acontecimentos que parecia a ela vaga e desnecessariamente dramática. Em vez de relatar longamente e com riqueza de detalhes um determinado acontecimento, como costumam fazer seus irmãos, Juscelina extrai dele alguns conceitos, avaliações e conclusões. Nas entrevistas a mim dirigidas ela sempre usava as expressões: *então, resumindo* e *então, quer dizer* para extrair o que

¹⁵Todos os familiares de Juscelina são alfabetizados, apesar de alguns de seus irmãos terem finalizado seus estudos no ensino fundamental.

realmente importava do relato. Essa vontade de objetividade e conceitualização, incorporadas na socialização profissional no mundo dos negócios, privilegia a comunicação de informações, as quais pedem verificação imediata, e não se afina bem ao modo artesanal de narrar dos irmãos de Juscelina. Neste, é importante deixar sua marca na história contada, assim como detalhar cenários, personagens e estados emocionais (Benjamin, 1992)¹⁶. A narrativa de seus irmãos é demorada e transmitida com eloquência e entonações coloridas e ritmadas.

Uma situação específica ilustra bem essas diferenças no registro da linguagem. Quando Francisca, uma das irmãs de Juscelina, nasceu, em 1942, a família vivia grandes dificuldades. Satina havia perdido vários filhos por causa de doenças ligadas à subnutrição e problemas cotidianos de falta de água e de atendimento médico. O pai de Gabriel, Pai Tonho, disse à Satina que deixasse Francisca com Mariinha, irmã de Gabriel que àquela altura não tinha conseguido engravidar. Com Mariinha, dizia Pai Tonho, Francisca, que apresentava sinais de doença,

¹⁶Sobre o tema da riqueza linguística do interior do nordeste, comentou o documentarista Eduardo Coutinho: “Se eu tiver que escolher entre dois projetos – um sobre um tema medíocre filmado no sertão do Nordeste e um sobre um tema quente filmado na cidade de São Paulo -, eu escolho o Nordeste. A linguagem oral é essencial no imaginário presente, no lugar em que a cultura industrial não penetrou tanto. Ao contrário do que se pensa, o cara que é analfabeto ou pouco alfabetizado e vive num espaço em que a cultura oral é predominante, ele tem uma necessidade mais absoluta de se expressar bem do que o cara que vive numa cultura industrial. As pessoas da cidade de São Paulo falam mal, enquanto no sertão a expressão é riquíssima, não só no que dizem, não só porque é eloquente, mas porque no fundo é mais precisa que a linguagem urbana. Eu me lembro de expressões do Nordeste, até da Zona da Mata, que falam coisas como: “É dura na sorte”. Essa expressão é de uma beleza extraordinária. Essa eloquência você não vai encontrar na cidade.” (COUTINHO, 2013, p. 222-223).

Cadernos do Sociofilo

estaria mais segura. Quando Gabriel decidiu partir para o Norte do país, Satina não queria que Francisca ficasse em Caiçara (onde morava Mariinha), então pediu à cunhada que entregasse sua filha. Porém, Francisca ficou com Mariinha e não partiu com a família para Belém.

A adoção de Francisca pela tia é um assunto delicado na memória da família. Quando estive em Caiçara com Juscelina, ela perguntou o que havia, *de fato*, acontecido. Ouvimos diferentes versões desse acontecimento, o que impacientava Juscelina. Em cada uma das versões, uma coloração, um sentimento ou mesmo um fato era acrescentado ou retirado. As diferentes narrativas dessa controvérsia eram como uma performance teatral cujo desenvolvimento se faz pela exposição de uma intriga (enredo) que se desenrola num cenário (*Pai Tonho tava no roçado capinando, aí minha mãe vinha passando. Ele se virou e disse: Satina, vou levar aquela menina pra Mariinha criar...*) e apresenta começo, meio e fim.

Percebi que, dada a imprecisão da ordem exata dos acontecimentos, a predominância da cultura oral e a quase ausência de acordos formais cotidianos (aos quais Juscelina estava tão acostumada no cotidiano do ambiente corporativo), a linguagem dos irmãos de Juscelina tende a ser muito mais nuançada que a dela, com uma carga de imprecisão adequada aos acordos que eventualmente se fizerem necessários nos casos de conflitos sobre a ordem dos fatos. Mais importante do que ser objetivo, é que o relato seja, parafraseando Guimarães Rosa, proseável. Não se sabe exatamente como as coisas aconteceram, mas cada um cria suas próprias imagens da situação sem a preocupação do registro imediato da verdade sobre ela. Tais imagens, por sua vez, formam um repertório coletivo sobre aquela controvérsia familiar.

Além de tensões que puderam ser percebidas no domínio da linguagem, várias outras foram emergindo nos intensos dias que passamos em Caiçara. Visitamos vários familiares e conversamos com eles sobre temas que Juscelina desconhecia ou conhecia muito pouco: o tempo da vida familiar no Pará, o contexto de adoção de Francisca, o falecimento de muitos de seus irmãos ainda bebês, a imagem que seus irmãos tinham dela quando era menina. Além disso, visitamos as ruínas do sítio onde foi criada, recolhemos fotografias e documentos antigos, estivemos com colegas de trabalho do sindicato dos trabalhadores rurais (onde ela era secretária aos doze anos) e com um erudito local¹⁷ (L'estoile, 2001) que nos mostrou fotografias de eventos públicos e festas religiosas da época de infância de Juscelina.

Notava que naqueles dias na Paraíba um processo de reflexão profunda e ressignificação das memórias entrava em curso. Juscelina desejava rever seu passado, compreendê-lo melhor, e a pesquisa foi um veículo para isso. Em uma conversa noturna, gravada por mim com a permissão de Juscelina, sobre o dia em que visitamos a casa de Francisca (e quando ouvimos as histórias sobre a adoção da mesma pela tia) e as ruínas do sítio Cancão, ela resume o que aquele período significou:

Isso tudo tem sido muito bom, muito bom. Porque, assim, é uma verdadeira dualidade, né. O tempo todo, o tempo todo, e eu acho que também a minha vida foi feita disso porque eu estava sempre numa bifurcação. Sempre minha vida foi sempre uma grande bi-

¹⁷ Refiro-me a Jocelino Tomaz de Lima, historiador habitante de Caiçara. Ele organiza um importante arquivo de fotografias e documentos sobre a história da cidade. Jocelino também fundou o “Grupo Atitude”, associação educacional que ganhou várias premiações nacionais. O Grupo possui bibliotecas que disponibilizam mais de 3000 livros à comunidade caiçarense. Apesar de terem o mesmo sobrenome, Jocelino Tomaz de Lima e Juscelina não são parentes diretos.

Cadernos do Sociofilo

furcação. Você chega lá e de repente em que pensar assim: pra onde eu vou? Só que nessa bifurcação eu nunca tinha ninguém pra perguntar pra onde eu ia: eu vou pra direita ou vou pra esquerda? E você vê que quando eu venho pra cá [Caiçara] continua isso: uma grande bifurcação

A BIFURCAÇÃO E O RETORNO

Juscelina voltou para o Rio após seis dias na Paraíba, e eu permaneci até março de 2012. No tempo em que estive lá, seus familiares procuravam transferir para mim o padrão de relação que gostariam de ter com Juscelina, e pareciam dizer a mim muito do que não foi dito a ela nos últimos trinta e cinco anos. Alguns dias após seu retorno para o Rio de Janeiro e às vésperas da minha viagem de volta, a afilhada de Juscelina, uma das pessoas com quem ela tinha mais contato na família e por quem tinha muito amor, falece. Ela estava doente há alguns anos e seu estado de saúde havia piorado muito após ter se recusado a fazer um aborto quando estava grávida de seu último filho. O parto era muito arriscado, mas ela, muito religiosa, decidiu dar à luz e assumir os riscos. Quando faleceu, em 2012, seu filho já tinha 20 anos de idade. A atitude de resistência ao aborto, apesar dos riscos de vida, tinha um forte significado religioso para a família.

Além da viagem a Caiçara e da morte da afilhada, Juscelina enfrentava uma grande insatisfação com os rumos da política corporativa da Coca-Cola. Todos esses fatores desencadearam uma crise existencial cujos efeitos eu não previa, mas que são compreensíveis se considerarmos os conflitos vividos durante todo o período de afastamento da família. Em abril de 2012, por meio de um telefonema, ela me diz que tinha se cansado do (...) *jogo político do mundo corporativo. Não tive infância,*

mas quero ter terceira idade. Ela pediu demissão e colocou à venda seu apartamento na Barra da Tijuca (apartamento que ela tinha comprado seis meses antes e no qual ela havia me dito que pretendia morar por muito tempo) e decidiu se mudar para João Pessoa. Alguns meses depois dessa decisão, ela entrou com seu pedido de aposentadoria (Juscelina completou 55 anos em agosto de 2012) e em outubro de 2012, após a venda do apartamento, ela fez sua mudança para João Pessoa.

É importante destacar que Juscelina já havia pensado sobre a possibilidade de se mudar para João Pessoa após a aposentadoria. Em 2007, cinco anos antes da mudança de fato, ela foi até João Pessoa com a intenção de comprar um apartamento. Porém, disse que à época não achou a casa ideal e não se sentia ainda preparada para materializar um possível retorno por meio da compra de um imóvel. A dúvida sobre permanecer ou retornar sempre habitou suas reflexões, mas era difícil para ela mesma admitir a possibilidade de retorno, por isso seus familiares, colegas e amigos ficaram bastante surpresos. Em um e-mail que enviou para suas amigas mais íntimas e me encaminhou posteriormente, ela justifica sua decisão:

Minhas amigas,

Estou super bem, apesar de uma gripe que peguei, fruto do calor e ar condicionado. Minha vida sempre foi feita de acertos e não tenho dúvida que essa minha saída do mundo corporativo foi a melhor decisão de todas. Trabalho desde meus 12 anos, não tive infância, adolescência e hoje tenho a obrigação de escolher a minha terceira idade. Tenho que resgatar a Ju, a sua delicadeza, a sua inocência, as suas raízes, a sua família, os seus amigos e tudo isso enquanto tenho energia, força, lucidez de raciocínio.

O mercado do Nordeste está em expansão, está havendo investimentos pesados do governo e lá pode ser um mercado para ser explorado. Um beijo (Mensagem de e-mail de abril de 2012)

Considerando que às vésperas de nossa viagem Juscelina dizia enfaticamente: *de Caiçara só quero distância*, minha tarefa a partir de então passou a ser a de tentar compreender como ela ressignificou seu passado e suas relações com a família nesse momento de reorientação biográfica, e como ela reagiria aos acontecimentos desencadeados após a decisão.

Entre abril e outubro de 2012, ou seja, após o pedido de demissão e antes do retorno para Paraíba, ela voltou a frequentar o centro espírita kardecista¹⁸, onde não ia com regularidade há alguns anos. Boa parte do seu tempo passou a ser dedicado às reuniões e às leituras da doutrina kardecista, mas também à burocracia do requerimento da aposentadoria, à procura de um apartamento em João Pessoa (que ela comprou em outubro de 2012 e onde ela mora atualmente) e à reaproximação com a família por meio de telefonemas e alguns encontros com primos, sobrinhos e irmãos.

Nesse período, que acompanhei com assiduidade, alguns dos principais questionamentos de Juscelina podem ser organizados da seguinte forma: Como vou viver após essa crise que revelou dúvidas e anseios adormecidos, e que me levou a mudar a estrutura da minha vida? Morarei em outro estado e perto da minha família, ganharei cerca de dez por cento do que ganho agora, não passarei o dia todo no escritório, não me relacionarei socialmente com as mesmas pessoas, não vestirei as mesmas roupas, não conversarei sobre os mesmos assuntos. Se é assim, como mantereí minha sobrevivência e sanidade, e mais que isso: diante disso tudo, o que tenho que fazer para viver bem?

¹⁸ Juscelina conheceu a religião na década de 80 e, por questões que serão tratadas mais detalhadamente na minha tese de doutorado, ela se identificou fortemente com alguns dos princípios básicos da doutrina.

As respostas a cada uma dessas encontrava sua resposta mais totalizante na apropriação da doutrina kardecista feita por ela. O espiritismo passou a operar como recurso que dá unidade à sua narrativa. Por meio dele, todos os tempos e espaços superpostos de uma vida são organizados e justificados pelo princípio e objetivo transcendente da *evolução espiritual*. Esse é o axioma que justifica o passado e que organiza o discurso sobre o porvir. Em uma das entrevistas realizadas nessa época, Juscelina me afirmou: *É muito difícil entender minha vida, acho que só o espiritismo pode explicar porque na minha vida eu sempre fui o contrário de tudo, sabe? Eu na minha vida sempre fui uma inconformada.*

Segundo a doutrina kardecista, a luta existencial de todo ser humano é pela elevação do espírito e pela busca de um caminho espiritual de luz. Para isso, deve-se desenvolver algumas virtudes centrais, como a caridade, o autocontrole, a paciência e a compaixão. Em cada encarnação são colocados aos seres humanos desafios específicos de acordo com seu estágio de desenvolvimento espiritual. Cada encarnação é uma oportunidade de pagamento de suas dívidas, de seus erros nas outras vidas. Essa doutrina religiosa defende uma espécie de ascetismo existencial que encontrou afinidade com o ascetismo profissional de Juscelina, e por isso pôde ser apropriado eficazmente por ela. A disciplina e o rigor exercitados no trabalho forneceu as habilidades e disposições que a preparam para a recepção eficaz de um discurso religioso que defende o auto aperfeiçoamento e uma particular noção de meritocracia espiritual.

A forma como viveu esse momento de reorientação biográfica e se apropriou da religião demonstra que a crise que leva a uma mudança de perspectiva com relação ao outro, à sua posição atual e aos seus desejos, não provoca um rompimento peremptório, algo como uma conversão que anula tudo que foi gravado no corpo, na mente e no coração e se tornou disposição

Cadernos do Sociofilo

durável para crer, pensar e agir. Por outro lado, a crise pode colocar em causa conflitos, insatisfações, dúvidas e afetos reprimidos, e dessa forma abrir espaço para uma nova forma de lidar com eles. Esta, por sua vez, pode se direcionar para fatos objetivos da vida (mudança de cidade, pedido de demissão, etc.) e também para uma tentativa de atuação sobre as disposições mais cristalizadas. A título de exemplo, cito duas situações que me parecem bastante esclarecedoras do argumento que procuro defender.

Juscelina é uma pessoa bastante ansiosa, mas aprendeu, nas leituras religiosas, nas conversas com amigos adeptos da doutrina kardecista e nas audições às reuniões do centro espírita, que a paciência é uma virtude central para o alcance da evolução espiritual. Considerando isso seriamente, após pedir demissão e decidir se dedicar às atividades religiosas, passou a buscar a paciência ansiosamente. Ela era uma das primeiras pessoas a chegar no centro espírita, queria sentar na primeira fileira do pequeno auditório onde aconteciam as reuniões para ser também uma das primeiras a receber o passe ao final da sessão, inquietava-se quando alguns dos ouvintes conversavam no momento das palestras dos médiuns. Ela sabia que não era paciente, mas que precisava sê-lo para *evoluir*. Buscou aprender essa habilidade com dedicação, mas justamente por não tê-la, vivia uma contradição performativa cuja resolução é dificilmente absoluta, mas pode ser parcial. Juscelina não deixou de ser uma pessoa ansiosa, mas é vigilante quando à sua inquietação, o que a ameniza.

Outra situação que demonstra como a biografada mobiliza as disposições incorporadas na socialização profissional nesse momento de dedicação ao aprimoramento espiritual é a forma como ela tem procurado dedicar seu tempo e afeto à família. Algumas semanas após sua mudança para João Pessoa, em ou-

tubro de 2012, ela me contou sobre alguns de seus objetivos com relação à família, que ela entende precisar de sua ajuda: *É dando amor que a gente consegue resgatar as pessoas.* Porém, considerando que esse resgate é visto por ela como uma meta, ele é exercido, na prática, com as disposições ascéticas e combativas que foram largamente cristalizadas em sua socialização profissional: *Estou tirando eles da zona de conforto, Pri. Essa é uma das minhas missões: provocar, dizer não, questionar. Porque nem todo mundo faz isso, né? Tem que ter umas pessoinhas assim, que às vezes incomodam.*

A “bifurcação” (Denave, 2010) ou reorientação de vida que acompanhei de perto tem a virtude analítica de demonstrar o processo no qual as memórias operam como elementos de um trabalho de reconstrução de sentido. Podemos entendê-las como um recurso cognitivo, afetivo e prático para justificar, avaliar, julgar e produzir o sentido atual de uma vida. Poderíamos dizer que na perspectiva de um grande ciclo de vida, há no indivíduo um patrimônio disposicional (Lahire, 2002) cristalizado, mas há também uma série de maneiras de crer, pensar e agir que são móveis, cambiáveis. O trabalho biográfico é o que permite ao analista identificar qual é o patrimônio disposicional mais durável, quais são os modos de agir, crer e pensar mais flexíveis e quais os motivos que levaram a que estes últimos se modificassem na duração de uma vida.

Cadernos do Sociofilo

BIBLIOGRAFIA

ABRAMAVOY, Ricardo. *Funções e Medidas da Ruralidade no Desenvolvimento Contemporâneo*. Disponível em | : Acesso em novembro de 201

_____. *Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos*. TD 621, IPEA, 2007. Disponível em: <<http://www.cipedya.com/doc/100967>>. Acesso em agosto de 2011.

ASSIS, Cláudia de Oliveira. *Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007.

BECKER, Howard. *Biographie et mosaïque scientifique*. Actes de la recherche en sciences sociales, n. 62-63, junho, p. 105-110, 1986.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. Lisboa: Relógio D'Água Ed, 1992.

BEN JELLOUN, Tahar. *Partir*. Paris : Gallimard, 2006.

BENSA, Alban. De la Micro-histoire vers une Anthropologie Critique, in J. Revel (org.), *Jeux d'Échelles*. Paris: Seuil/Gallimard, 1995, p. 37-70.

BERTAUX, Daniel. *Les récits de vie*. Paris : Nathan, 1997.

_____. El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. *Proposiciones*, 29, marzo, p. 1-23, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*, tradução Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. L'Illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 62/63, p. 69-72, juin, 1986.

_____. Compreender. In: *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento de gosto*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007a.

CARNEIRO, Maria José. *Rural como categoria de pensamento*. Revista Ruris, vol. 2, número 1, Março de 2008.

CASTRO, Elisa Guaraná. *Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, contribuições para o debate*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COMEFORD, John. *Como uma família: Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: RelumeDumará.

COSTA, Severino Ismael. *Caiçara: caminhos de almocreves*. João Pessoa: Micrográfica, 1990.

COUTINHO, Eduardo. *Para sexta-feira*. In: OHATA, Milton (org.). *Eduardo Coutinho*. São Paulo: Cosac Naify e Edições Sesc, 2013.

COUTINHO, Priscila de Oliveira. Partidas e retornos: a filha de Gabriel em busca de outros nortes. In: Leite Lopes, José Sergio; Ciocari, Marta (orgs.). *Narrativas da desigualdade: memórias, trajetórias e conflitos*. Ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora.

DENAVE, Sophie. Les ruptures professionnelles : analyser les événements au croisement des dispositions individuelles et des contextes. In : BESSIN, Marc., BIDART, Claire. et GROSSETTI, Michel (dir.), *Bifurcations. Les sciences sociales face aux ruptures et à l'événement*, Paris, La Découverte, "Recherches", 2010.

Cadernos do Sociofilo

DOSSE, François. 2009. *O desafio biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.

ELIAS, Norbert. Mozart: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FOUCAULT, Michel. L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté. *Dits et écrits*, 1980-1988, tome IV, Paris, Gallimard, 1994.

GARCIA, A. R. *O sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. Brasília: Editora Marco Zero: Universidade de Brasília e CNPq.

HEINICH, Nathalie. *Por um finir avec l'illusion biographique*. L'Homme, n. 195 -196, 2010.

HOGGART, Richard. 1970. *La culture du pauvre*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970.

HUGHES, Everett. *Cycles, Turning Points and Careers*, in Men and their work. Glencoe. I.L: Free Press, 1958.

KAUFMANN, Jean Claude. *L'invention de soi: une théorie de l'identité*. Armand Colin, 2004.

LAHIRE, B. *Formes sociales scripturales et formes sociales orales: une analyse sociologique de « l'échec scolaire » à l'école primaire*. Lyon/Lille, Université Lyon II/Université de Lille-III, Atelier National de Reproduction de Thèses. 1016 p. multigr. (Tese de doutorado), 1990.

_____. *Retratos Sociológicos*. Disposição e variações individuais, São Paulo: Artmed, 2004.

_____. *O homem plural: os determinantes da ação*, Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *L'sprit sociologique*. Paris, La Découverte, 2005.

_____. *A cultura dos Indivíduos*. São Paulo: Ed. Artmed, 2006.

_____. *Franz Kafka: éléments pour une théorie de la création littéraire*. Paris, Éditions La Découverte, 2010.

- _____. *Dans le plus singuliers du social : individus, institutions, socialisations*. La Découverte, Paris, 2013.
- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LEVI, Giovanni. *Les usages de la biographie*. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. Année 1989, vol, 44. N. 6 pp. 1325-1336. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hess_03952649_1989_num_44_6_283658. Acesso em Novembro de 2012.
- L' ESTOILE, Benoît de. *Le goût du passé: Erudition locale et appropriation du territoire*. Terrain, nº 37, Musique et émotion, sept. 2001.
- LEWIS, Oscar. *Antropología de la pobreza: cinco familias*. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.
- _____. *Os filhos de Sánchez*. Lisboa: Moraes Editores, 1970.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MINTZ, Sidney. *Worker in the cane: a Puerto Rican life history*. New Haven: Yale University Press, 1960.
- _____. *Encontrando Taso, me descobrindo*. Dados. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 27, n.1, p. 45-58, 1954.
- MONGIN, Olivier. *Paul Ricoeur*. Éditions du Seuil: Paris, 1998.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, CPDOC, pp.3-15. 1989.
- _____. *Memória e identidade social*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, CPDOC, pp.200-212. 1992.
- RICOEUR, Paul. *Narratividade, fenomenologia e hermenêutica*. Revista Analisis, n. 25, 2000.
- _____. RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Éditions du Seuil : Paris, 1990.

Cadernos do Sociofilo

_____. Narratividade, Fenomenologia y Hermenêutica. In: *Anàlisi. Revista del Departament de Periodisme i Ciències de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona*. Barcelona, n. 25, p.189-207, 2000. Disponível em: <<http://members.lycos.co.uk/apuntesdesociologia/archivos/ricoeur1.pdf>> Acesso em: 22 de abril de 2012.

SAADA, Jeanne Favret. *Ser afetado*. Trad. Paula Siqueira - Cadernos de Campo - revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP. Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SAYAD, Abdelmalek. *La double absence: des illusions de l'émigré aux souffrances de l'imigré*. Seuil : Paris, 1999.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *Educação de jovens e adultos: histórias e memórias da década de 60*. Brasília: Plano editora, 2003.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MENEZES, Marilda Aparecida de. *Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões*. NEAD, 2006. Disponível

em:<http://www.nead.org.br/memoriacamponesa/arquivos/leitura/Migracoes_Rurais_no_Brasil_velhas_e_novas_questoes.pdf.> Acesso em 15 de abril de 2012.

SIMMEL, G. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Mana, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2. p. 577-591, out. 2005.

SCHWARTZ, O. *Le monde privé des ouvriers*. Paris, PUF, 2002.7

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. São Paulo: Zahar, 1979.

_____. *L'étranger*. Editions Alia, Paris, 2003.

VANDENBERGHE, Frédéric. "O real é relacional": uma análise epistemológica do estruturalismo gerativo de Pierre Bourdieu,

in Teoria Social Realista: um diálogo franco-britânico. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2010.

YOURCENAR, Marguerite. *Memórias de Adriano*. Rio de Janeiro: Record, 1974